

6

Breve observação da arquitetura construída pelos Guinle, na cidade do Rio de Janeiro, entre 1920 e 1950

A atuação dos Guinle como empreendedores imobiliários na cidade do Rio de Janeiro, ou de modo mais preciso, de idealizadores de arquitetura qualificada cidadina, algumas de notável vulto, na medida em que boa parte suas obras se destacam da categoria da construção ordinária ao disporem de projetos — e por conseguinte materialidade física e espacial — que explicitam uma experimentação e intenção plásticas, daí seu destaque, operação quer amparada por um ambiente e cultura visual historicamente definida, e quando não, como no caso da estética moderna insurgente, em processo de formação, estendeu-se pelas três décadas sucessivas ao período abordado na dissertação, e até mais, perfazendo toda a primeira metade do novecentos.

Mesmo de modo tangencial, os principais empreendimentos modernos realizados pelos Guinle acabaram sendo citados ao longo do trabalho, não como simples contraponto à narrativa, mas pelo engaste de alguns deles no próprio cerne das questões tratadas. No caso do Parque Guinle, a contrastante convivência do palacete francês com os edifícios modernos de Lúcio Costa, [F1] atenuada pelo parque que os harmonizou; na substituição, no mesmo terreno da Av. Rio Branco, nº 135, do eclético e sobrecarregado edifício construído para Eduardo Palassin por Jannuzzi, em 1906, pelo pioneiro arranha-céu *art-déco* de seus filhos, [F45] um dos marcos inaugurais da tipologia comercial de matriz americana na cidade, moderno ao seu modo, bem como na também substituição do monumental Palace Hotel da Av. Rio Branco pelo popularmente conhecido *Tomara-que-caia*, o edifício Marques do Herval, projeto dos Irmãos Roberto, de 1952.

Ainda em chave moderna nos referimos igualmente ao pequeno hotel de Nova Friburgo, [F2] obra idealizada por César Guinle e realizada por Lúcio Costa nos anos 40 do novecentos, articulada ao Parque São Clemente, envolto no romântico jardim de Glaziou, assim como mencionamos a moderna sede do Banco Boavista, [F30] de 1943, por conta do gesto arrojado de Guilherme Guinle, sintonizado com a emergência do moderno naquele momento chave da cultura brasileira, arquitetônica mas não só, em oposição ao conservador traço francês adotado em geral pela família, preferência manifesta precocemente na sede neocolonial do

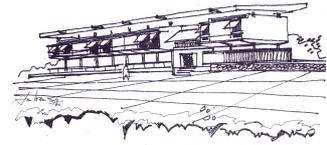
hospital da Fundação Gaffrée e Guinle, F29 em finais da década 1920. E também, *en passant*, sobre o grande bloco edificado no alto do Parque Guinle, projetado pelos Irmãos Roberto em c.1950, que substituiu os outros três edifícios de Lúcio Costa, que constavam no seu plano geral e somavam-se aos três efetivamente construídos.¹⁴⁶

Faltou mencionar a pequena pousada projetada por James Lawrence Vianna para César Guinle em Angra dos Reis, D14 já em finais de 1970, obra temporã e que mesmo fora da cidade do Rio de Janeiro merece ser mencionada quer por sua excelência arquitetônica — o projeto, inclusive, foi premiado com menção honrosa pelo IAB-RJ em 1985 — quer por sua afinidade e identidade tipológica com o Parque Hotel de Friburgo de Lúcio Costa, construído quarenta anos antes, para o mesmo César Guinle, filho de Eduardo Guinle e neto do Eduardo Palassin Guinle. Projeto que, mesmo já enformado sobre a linguagem brutalista do Corbusier pós-guerra, na essência, apóia-se e reverência o pequeno hotel do doutor Lúcio.

Não se falou também de duas obras mais recentes, comissionadas pelo mesmo homem, Francisco Eduardo de Paula Machado, filho de Celina Guinle e Linneo de Paula Machado: o edifício sede do Jockey Club, F76 sóbrio, complexo, monumental e clacissizante projeto de Lúcio Costa, de 1956, que contou com a importante colaboração de Jorge de Souza Hue na fixação dos categóricos interiores do clube, e o edifício *Linneo de Paula Machado*, F77 construído no lugar da antiga sede do Jockey, somado ao terreno vago com a demolição do Derby Clube — aqui mencionados quando da análise do Palace e do Teatro Phenix, no terceiro capítulo —, na esquina de Rio Branco com Almirante Barroso, projeto do escritório Pontual, Arhur Lício e Davino, com Flavio Ferreira e Sergio Porto, de 1972.

Se a arquitetura moderna tinha, bem ou mal, sido anotada, as obras que se interpunham entre o ecletismo do início do século XX e as realizações modernas, destas não se ouviu menção. Foram sete as obras construídas pelos filhos de Eduardo Palassin, sendo três residências e quatro edifícios de apartamentos que, brevemente comentados, passaremos em revista.

Começemos pelos edifícios e por antiguidade. O primeiro deles, o Edifício Tamandaré, na rua Almirante Tamandaré, nº 20, no Flamengo, foi construído por Carlos Guinle como investimento comercial, com projeto de arquitetura e construção da firma Gusmão Dourado & Baldassini, em torno a 1928. F78



D14 James Lawrence Vianna, Pousada em Angra dos Reis, c.1970



F76 Lucio Costa, edifício sede do Jockey Club, 1956



F77 Pontual, Ferreira e Porto, edifício Linneo de Paula Machado, 1972

¹⁴⁶ Ib., 82, Parque Guinle, anos 40, págs 205, 206 e 207.



F78 Gusmão Dourado & Baldassini, Edifício Rua Almirante Tamandaré, 20, c. 1928

Arquitetura da melhor qualidade, nitidamente ancorada nos exemplos europeus do início do século XX, já despida da veste historicista, é visualmente marcada pela massa imponente da composição, pelos leves balcões de ferro fundido alternados a outros de massa e pelas esquadrias de grandes dimensões, proporcionais ao elevado pé-direito dos apartamentos, guardadas por estreitas venezianas metálicas tipicamente francesas. O edifício mantém-se distinto, solene e indiferente aos modismos contemporâneos, sóbrio, quase clássico, perfeitamente são, demonstrando de modo explícito a qualidade material sobre a qual a arquitetura funcional se articula e monumentaliza, por meio de artifícios compositivos simplificados. Outro elemento de destaque, raríssimo no Rio, é a *rua* interna de dimensões notáveis, onde encontram-se as portarias, e que atravessa, perpendicular, todo o térreo, guarnecida por enormes portões de ferro, na rua e aos fundos, antes da garagem.¹⁴⁷

O segundo edifício, o Edifício Laranjeiras, **F79** nesta mesma rua, nº102, de nível construtivo e projetual acima da média, é obra de Eduardo Guinle, realizado por volta de 1935, muito próximo do Palácio das Laranjeiras e do Parque Guinle, obras também de Eduardo. Projetado por Luiz Derenne & Cia. e construído pela Graça Couto o prédio é um bom exemplo de arquitetura moderna da cidade, moderna aqui lato senso, na medida em que pela data, poucos são os



F79 Luiz Derenne & Cia, Edifício Laranjeiras, c.1937

¹⁴⁷ Ib., 135. Guia da Arquitetura Art Déco, verbete n °51, pág. 55.

edifícios que exteriorizam tal simplificação elementar, numa exposição volumétrica ao mesmo tempo nítida e essencial.

O terceiro edifício desta série, situado na Praia do Flamengo, nº 284, F80 F81 F82 esquina com a pequena Rua Tucumã, foi construído para Carlos Guinle pela construtora Pederneiras em torno a 1937, terminado em 1941. Concebido como investimento imobiliário, não obstante teve os últimos três andares especialmente projetados para seu uso pessoal, possuindo inclusive elevador e garagem privativos da família, além de 11 quartos de empregados. Na verdade Carlos Guinle permutou sua residência da Praia de Botafogo por este terreno com o governo argentino, que nele mantinha sua representação diplomática, construindo o prédio e desmembrando e vendendo a parte posterior do lote, de frente para a Rua Tucumã e Senador Vergueiro, onde foi construído, simultaneamente ao seu, outro edifício, que obedecendo ao mesmo partido formal, alturas, alinhamentos e revestimentos, acabou por, juntos, se constituírem numa única entidade arquitetônica F80. É visível, entretanto, a diferença de qualidade formal do primeiro sobre o segundo. De vasta dimensão, pois como vimos ocupa praticamente todo o final de uma quadra, o edifício tem arquitetura um tanto híbrida, na medida em que, se ainda possui algum vestígio de gosto francês, não é, com certeza, aquele de matriz histórica, não mais 'Luises', mas a de Paris entre guerras. Notável em sua desenvolta curvatura angular, reforçada linearmente pelos balcões em balanço, talvez seu principal traço arquitetônico, o edifício traduz uma confortável arquitetura burguesa, sóbria e bem lançada, modulada por alongados balcões-varanda e generosas janelas, aqui também guardados com as estreitas venezianas de dobrar de ferro pintadas. A elegante portaria escavada no sólido arquitetural, na esquina da Praia do Flamengo, vazada espacialmente para a circulação de veículos, marcada por duas potentes colunas revestidas de *travertino*, funciona como contra-ponto à massa cilíndrica a si sobreposta. F79 Toda a superfície da fachada é acabada com o excelente padrão das massas de revestimento pintadas, muito empregadas nos edifícios da época. O destaque é o último andar de pé direito duplo, marcado por portas-janelas em arco, guardadas por passarela balaustrada, sobreposto por um dos maiores, mais elegantes e clássicos terraços-jardim de cobertura da cidade.

O último dos edifícios residenciais deste momento de transição entre o ecletismo dos anos dez e as obras do modernismo carioca dos anos quarenta, é o Edifício Imperator, na Rua Joaquim Nabuco, 11, que distende as três fachadas de sua extensa massa construída, semelhante ao do edifício da Praia do Flamengo, 284, na Avenida Atlântica, Joaquim Nabuco e Av. N. S. de Copacabana. Construído em



F80 Construtora Pederneiras, edifício na Praia do Flamengo, nº284



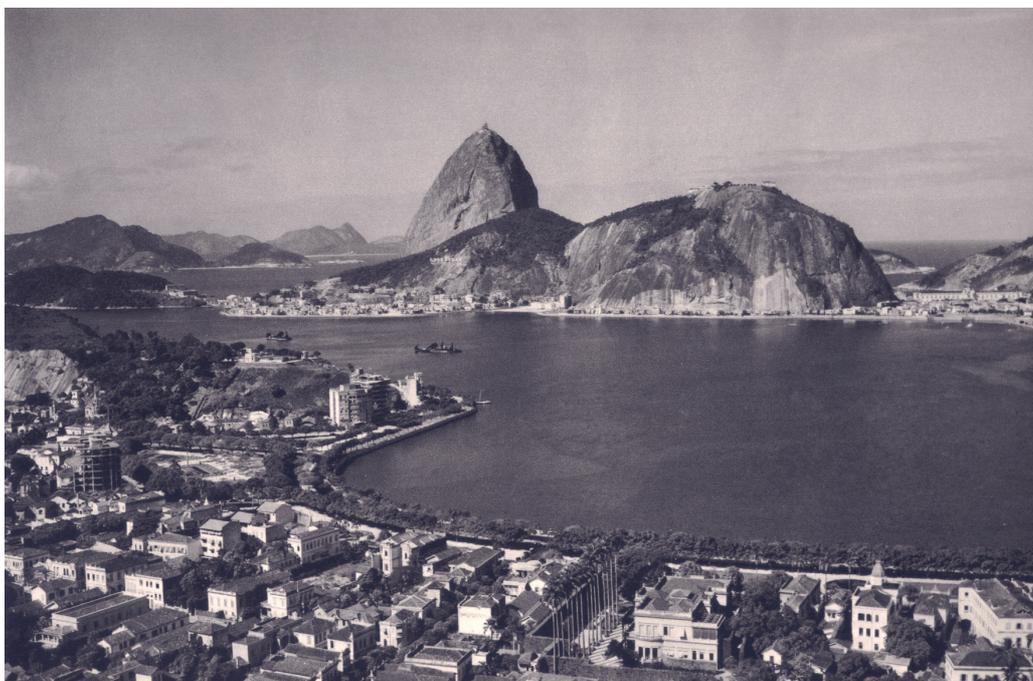
F81 Edifício na Praia do Flamengo, 284. Detalhe da portaria



F82 O edifício de Carlos Guinle, tendo do seu lado esquerdo o seu sócia, na R. Tucumã

torno de 1938 para uma sociedade de proprietários, entre os quais Arnaldo Guinle, com projeto e construção da firma Cápua & Cápua, o enorme edifício faz parte do conjunto de prédios dos anos 30 que, utilizando estruturas de concreto armado independentes e acentuadamente verticais, perseguiram uma visualidade geometrizada e despida, informada e emersa das experimentações do *International Style*, do Bauhaus e da arquitetura comercial americana, em processo de depuração formal, mas com resultados consistentes, bem determinados formalmente e que, não sei se irônica ou se perversamente, se adequavam perfeitamente à ordem imobiliária de máxima economia e aproveitamento fundiário. O prédio se impõe por sua essencialidade formal, caracterizado pelos balcões encurvados e projetados para fora da caixa geratriz prismática, hoje muito diminuído de sua intenção plástica original, — como também ocorreu no edifício da Praia do Flamengo — por conta dos *fechamentos* introduzidos por esquadrias nestes balcões e nas varandas negativas, rasgadas horizontalmente na superfície planar da fachada maior da Rua Joaquim Nabuco.

Das três residências construídas pela família neste período, a realizada por Guilherme Guinle na Praia de Botafogo, nº 228, [F83] seguia de algum modo o estilo francês, não o empregado por seu pai no palacete da São Clemente ou por seu irmão mais velho Eduardo nas Laranjeiras, aqui menos afetado ou pretensioso, ou mesmo menos *histórico*, combinado e harmonizado com os modos arquitetônicos tradicionais da cidade.



[F83] Peter Fuss, fotógrafo, Praia de Botafogo, c.1930, onde podemos observar no centro da imagem a residência de Guilherme Guinle, vista pelos fundos.

Imensa para um homem só, possuía um belíssimo jardim lateral marcado ortogonalmente pelo renque de palmeiras imperiais, ali existentes e anteriores à construção do palacete, assim como a alta cerca viva podada como se arquitetura fosse, comum aos jardins clássicos franceses e que aqui protegiam visualmente a lateral, porém a maior e mais importante fachada da casa. Apesar das dimensões praticamente palacianas possuía sobriedade e contenção, próprias ao estilo do seu proprietário. Guilherme, talvez rendendo-se à enorme dimensão do que havia criado, ou talvez pelo gosto pelas coisas brasileiras que ia desenvolvendo logo a vendeu, em 1921, para o seu irmão Carlos, se mudando para a Gávea, para um antigo e tradicional endereço do bairro, hoje conhecido como Parque da Cidade. Este palacete da Praia de Botafogo foi posteriormente permutado com o governo argentino, em finais de 1930, que a utilizou desde então como residência oficial do seu embaixador na capital federal, até a inauguração de Brasília. Por seu lado, Carlos Guinle e sua família ali viveram até mudarem-se para o triplex da Praia do Flamengo, 284, por volta de 1941.¹⁴⁸

As outras duas residências deste período revelam, antes de tudo, alguns dos hábitos da classe alta carioca nas primeiras décadas do novecentos, que na verdade se reportam ao Império e relacionam-se diretamente com a construção do Palácio de verão de D. Pedro II em Petrópolis, e que têm como pano de fundo comum o exasperante calor do verão carioca. Aqui, ao invés de subir a serra, os Guinle, Guilhermina, na época já viúva de Eduardo Palassin e seu filho Otávio resolvem encarar alternativamente o problema, construindo duas casas à beira mar, a mãe na praia de Copacabana, residência que contava inclusive com uma piscina de água do mar e Otávio, na Ilha de Brocoió, ao lado de Paquetá, no fundo da Baía de Guanabara, naquela época um dos cantos do paraíso terrestre. O incansável Joseph Gire projetou a residência de Brocoió, enquanto a da Av. Atlântica, segundo Paulo Santos, foi projetada por Heitor de Melo.¹⁴⁹ Ambas, apesar de dessemelhantes, se relacionam de diversas maneiras. A primeira é praticamente contemporânea ao Copacabana Palace, portanto, de finais dos anos 10, enquanto que a residência de Brocoió é de finais de 1920.



F57 Joseph Gire, residência de Otávio Guinle, Ilha de Brocoió, Baía de Guanabara, c. 1930

¹⁴⁸ As anotações relativas à casa da Praia de Botafogo, 228, e do edifício da Praia do Flamengo, 248, foram colhidas em entrevista realizada com Jorge Guinle, em outubro de 2002 e junho de 2003. Filho mais moço de Carlos Guinle, morou com seu pai no palacete de Botafogo de 1921 a 1937, tendo precisado a data de conclusão do edifício da Praia do Flamengo em 1941, para onde se mudaram e onde morou desde então até 1995.

¹⁴⁹ *Ib.*, 32, pág. 102.

Têm em comum a arquitetura de caráter norte europeu, com pesado tratamento de superfícies, telhados fortemente inclinados revestidos com telhas planas importadas, ambas com proeminentes chaminés, bem como a utilização de revestimento de pedra rústica e dos falsos travejamentos de madeira, intercalados à alvenaria revestida e pintada, características típicas das regiões alpinas européias, mas também da Bretanha e Normandia. Em Brocoió, F57 com a generosa varanda assimétrica do térreo, a imagem que prevalece é a de uma casa serrana, invernal, mesmo que, talvez, já influenciada pelas residências americanas, na medida em que a imagem é independente de jugo historicista. A residência de Copacabana tinha um tratamento formal mais romântico e fantasioso, em face da assimetria e variedade composicional, com sua alta torre-mirante terminada em agulha, mesmo que o ar pesado e sombrio permanecesse presente a definir-lhe o caráter, o que para a análise contemporânea representa um contra-senso, um erro arquitetônico de origem, justificado talvez em parte pela imposição de um gosto apriorístico determinado pelos proprietários ou pela falta de *sensibilidade* dos arquitetos, e não só do francês Gire, frente a um programa ainda não *modernamente* experimentado, que os mantinham, portanto, amarrados aos pesados modelos europeus. Ou quem sabe porque a sociedade burguesa da época ainda não havia se aberto às novas condicionantes que logo despiriam a cidade das formalidades e do pudor ainda entranhado no seu cotidiano. Nada, entretanto, justifica ou explica plenamente os acontecimentos históricos e se por um lado estas foram as características da maioria das *vilas* e palacetes construídos na Av. Atlântica neste período, mesmo as fantasias do Virzi estão dentro deste padrão, não podemos esquecer que a residência Nordchild, projetada e construída em torno a 1930 por Gregori Warchavchik ali perto, numa encosta da Rua Tonelero, ou mesmo a casa Schwartz de Lúcio Costa na Rua Raul Pompéia, de 32, praticamente contemporâneas a Brocoió, como se fossem de mundos distintos, são emblemática e assumidamente modernas, totalmente desembaraçadas do *ethos* historicista, práticas e solares, com seus balcões em balanço e os terraços jardins, suas superfícies lisas e claras, mediterrânicas ao seu modo de acordo com os tempos que vinham e não dos idos, anunciando claramente o ciclo moderno que abria passagem e que ainda nesta mesma década de 1930 já apresentaria seus primeiros resultados expressivos na cidade, nas mais diversas escalas.